

REVISTA ADVENTISTA



ANO XXIV

N.º 201

«Para que todos sejam um...»

O Século XX ficará na História Universal como o século das grandes realizações: a desintegração do átomo com todas as suas imprevisíveis consequências e o Concílio do Vaticano II.

Parece que se trata de dois acontecimentos antagónicos; a desintegração do átomo lembra a divisão; o Concílio lembra a reunião; aquela termina na pluralidade; este tende para a unidade.

A união faz a força

Em Janeiro de 1959 por ocasião do encerramento da Semana de Oração pela Unidade da Igreja, o papa João XXIII anunciou ao mundo a preparação de um próximo Concílio Ecuménico. E, desde então, desencadeou-se um enorme e exaustivo trabalho para a preparação do Concílio. Segundo a definição do Código de Direito Canónico um Concílio Ecuménico é uma solene assembleia de Bispos de todo o mundo, promovida pelo Papa com o objectivo de deliberar, sob a sua autoridade e presidência, acerca de questões e de problemas de carácter religioso que dizem respeito a toda a Igreja.

Considerado, apenas, sob o ponto de vista financeiro, com as viagens para os padres conciliares, secretários e consultores, para a sua estadia em Roma, para as suas deslocações e despesas pessoais, compreende-se que a questão não é para subestimar.

A. Casaca

É claro que o motivo não se pode procurar apenas em intuítos de propaganda; é muito mais profundo, uma vez que foram precisos três longos anos de intenso trabalho para os seus preparativos e aturados contactos diplomáticos com notáveis personalidades do mundo católico e não católico.

Assim o Concílio Ecuménico do Vaticano II vem ao encontro dos desejos da unidade cristã, fazendo-se eco das palavras de Jesus: «Para que todos sejam um».

A união dos Cristãos num único corpo de obediência e de doutrina seria, mais uma vez, a confirmação do aforismo: «A união faz a força».

O desejo da unidade

Em fins de 1961 — precisamente nos meses de Novembro e Dezembro — reuniu-se, em Nova Dili, a Terceira Assembleia do Conselho Ecuménico das Igrejas também com o objectivo de realizar uma maior unidade entre os cristãos. Depois de cerca de um mês de reuniões os 570 delegados das diversas igrejas cristãs dos vários Continentes asentaram na necessidade de harmonizar, cada vez mais a profissão de fé com a conduta da vida prática, à luz do tema central: «Jesus Cristo, luz do mundo».

As numerosas igrejas cristãs representadas na Assembleia do Conselho Ecuménico das Igrejas exprimiram, assim, o seu veemente desejo de chegarem à unidade.

No ano seguinte, precisamente a 11 de Outubro de 1962, o papa João XXIII abriu, solenemente, na presença de setenta e sete Cardeais e de cerca de dois mil Bispos e com uma assitência de mais de cem mil pessoas o Concílio Vaticano II também para corresponder aos desejos da unidade.

Efectivamente, apenas um terço da população mundial é que se pode considerar pertencente à religião cristã, quase igualmente dividida entre católicos e não-católicos, estes últimos ainda subdivididos em protestantes e ortodoxos.

É, pois conflagrador que passados tantos séculos ainda o Cristianismo não tenha penetrado em toda a parte.

E, para mais penas sentir, ainda o mesmo Cristianismo se apresenta dividido, até mesmo fracturado, em consequência de velhas rivalidades, de velhos rancores, que, por vezes, debaixo da inocente veste teológica assumem aspectos políticos.

O Protestantismo, embora se encontre dividido em várias Denominações, a verdade é que também sente o desejo da unidade. A Igreja Romana sabe muito bem que o Protestantismo conta trezentos milhões de fiéis o que representa uma força apreciável, possivelmente um futuro aliado.

(Continua na pág. 3)

SUMÁRIO

«Para que todos sejam um...»
Editorial
Qual é o dia que o Cristão deve observar, Sábado ou Domingo?
A Vitória da Fé
A Página do Colportor
As Classes Progressivas
Notícias do Campo
«História do M.A. em Cabo Verde»
A nossa Escola Rádio-Postal
A obra expiatória de Jesus
O Auxiliar da Escola Sabatina

JUNHO DE 1963

ANO XXIV N.º 201

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. CORDAS, F. MENDES,
M. LARANJEIRA E P. RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Vamos caminhando para o fim do primeiro semestre deste ano de 1963. Temos de dar muitas graças a Deus por tantos e tão assinalados benefícios que temos recebido da sua infinita misericórdia, que tão larga e generosamente se tem mostrado para connosco.

Mas não podemos nem devemos descurar o ingente trabalho que temos diante de nós e que urge ultimar porque o «Dia do Senhor» está próximo e bem depressa chegará a hora em que não será possível trabalhar.

Neste mês de Junho vimos recordar-vos as datas marcadas no nosso Calendário:

Dia 1 — Dia Missionário.

Dia 8 — Dia das Classes Progressivas.

Dia 15 — Dia de Baptismos.

Dia 29 — 13.º Sábado.

Queira Deus que o primeiro semestre deste corrente ano seja ricamente abençoado.

Campanha das Missões

Temos continuado a receber as notícias mais encorajadoras das várias igrejas, algumas das quais já alcançaram, graças a Deus, os seus alvos; outras estão, francamente, a bom caminho de o alcançar.

À medida que os anos passam, também vão surgindo as dificuldades, que, como sabemos, prezados Irmãos e Irmãs, mais nos confirmam na nossa fé e na nossa grande esperança de que em breve entoaremos o cântico dos salvos, na companhia do nosso amado Salvador.

Prezados Irmãos:

Férias à vista!...

Já se vão aproximando as férias de Verão, as conhecidas férias grandes dos estudantes.

Hoje, as férias não são um luxo; são uma verdadeira necessidade. Se o homem tivesse seguido, sempre, o plano que o Criador lhe traçara, não necessitava de férias: — nem pequenas nem grandes.

Trabalhando os seis dias e descansando no Sábado, conforme o Mandamento, não havia necessidade de outros descansos, de outras férias suplementares.

Mas o homem perverteu, totalmente, o plano divino da Criação. Trabalhando, de dia e de noite, na avidez do lucro, já não são apenas seis dias de trabalho por semana; são muitos mais. Por isso, não basta o dia de repouso semanal. Impõem-se as férias como uma necessidade.

É conveniente que não esqueçamos que não pode haver férias para as actividades espirituais, para as actividades religiosas.

Por isso, vamos desde já pensando não só na maneira como poderemos estudar as Lições da Escola Sabatina, como também na maneira de organizar a nossa Escola Sabatina: com os nossos familiares, pelo menos, e com a presença de alguns amigos e conhecidos, que, pelo menos, a título de curiosidade, poderemos convidar para assistirem a uma «aula de religião» — poderemos anunciar-lhes.

Sabe-se lá, se não será uma preciosa semente que possa germinar para produzir frutos para a salvação!...

A. Casaca

«Para que todos sejam um...»

(Continuação da pág. 1)

Por isso o catolicismo não pode ignorar esta realidade. E se pretende avançar e progredir deve procurar abater as barreiras que separam. Tais barreiras, enquanto se mantiverem, hão-de constituir um grave obstáculo à penetração do Cristianismo nos outros dois terços do mundo pagão.

Todos sentem, por isso, a necessidade de se unirem, não só, porque «a união faz a força», mas também para corresponder plenamente ao desejo manifestado por Jesus de que «todos sejam um».

Como apareceu a ideia da unidade

É curioso notar que nos tempos apostólicos e nos que se lhe seguiram, imediatamente, as várias igrejas viviam independentes umas das outras, elegendo os seus bispos e administrando os seus parcos haveres que se destinavam, primordialmente, a socorrer os pobres.

É assim que encontramos a menção expressa das várias igrejas: de Jerusalém, de Corinto, de Alexandria, de Antioquia, etc.

Os Cristãos unidos pelo mesmo vínculo de amor e de fé sentiam como um só homem a realidade de Deus, da sua Igreja e da vida, morte, ressurreição do Salvador.

Durante as perseguições que se desencadearam furiosamente contra a Igreja não foi possível vencer a «fé que uma vez foi dada aos santos».

É verdade que os crentes já estavam cansados de lutar; mas se as perseguições continuassem é de esperar que também continuassem as vitórias dos mártires.

No início do século IV apareceu esse hábil político que foi Constantino; também ele quer a paz, porque só com ela é que poderá cimentar o seu vasto império. Quando sobe ao trono, uma grande parte do império já abraçara o Cristianismo pois este estendia-se do Cáucaso à Hispânia, do Egipto à Bretanha. O Cristianismo era, indiscutivelmente uma força incipiente com a qual se havia de contar.

O Edito de Milão concedendo a paz aos Cristãos ia abrir uma nova era na História da Igreja. Conseguiu atrair o Cristianismo que lhe deu grande apoio. Pacificado o Império Romano pretende agora Constantino fazer do Cristianismo uma religião oficial, uma religião do Estado. As suas primeiras medidas, neste sentido têm como resultado a coexistência de duas religiões: o Cristianismo e o paganismo, este, agora, na situação de tolerado. Em breve, porém, decreta que o Cristianismo, em plena expansão, se torne a religião nacional.

Será só com Teodósio, como se sabe, que o Cristianismo fica a religião oficial do Império.

A oficialização do Cristianismo que muitos crentes consideraram como providencial, foi, muito simplesmente, uma fonte de calamidades para a Igreja.

Esta, que saíra das Catacumbas envolta em crepes e cheia da esperança da Volta iminente do Redentor, vê-se agora, coberta de honras, de poderio, de influência; em breve se esquece da sua verdadeira missão espiritual para se dedicar a interesses meramente materiais. A Igreja e o Império unem-se, realizando-se assim a unidade de poderes, com a subordinação do temporal ao espiritual.

O resultado desta unidade foi toda uma série de violências e de prepotências conforme a História testifica, pois o braço secular posto ao serviço da Igreja quis impor a fé pela força.

Esta unidade deixou bem tristes recordações na História.

Todos nós desejamos e queremos ardentemente a unidade; mas a unidade que assenta única e exclusivamente na Palavra de Deus que apenas emprega uma arma: a persuasão.

Em que consiste a verdadeira unidade?

A unidade que as várias Denominações Cristãs procuram realizar parece que procura assentar numa

espécie de abandono, de concessões, de compromissos.

Temos a impressão de que se está procedendo assim: se concedes isto, eu também concedo isto; se retiras isto, eu também retiro isto...

Até mesmo se está considerando uma certa unidade de ordem administrativa, pelo menos.

A mesma Roma também estaria disposta a fazer certas concessões de ordem meramente cerimonial ou litúrgica, mas nunca de ordem doutrinária.

E todos que agora desejam a unidade, todos eles se escudam com a autoridade do Salvador que bem anunciou e bem definiu o seu grande desejo de que «Todos sejam um».

Resta-nos ver, ou, pelo menos, procurar descobrir em que consiste a unidade a que Jesus aludiu.

Encontramos as suas divinas palavras registradas no Evangelho de S. João no cap. 17, versículo 21: «Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, ó és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.» E logo a seguir, no versículo 23 diz: «Eu neles e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim».

Ocorre perguntar, antes de mais, quem são aqueles tais «ELES» que constituem o pensamento dominante de Jesus. Como se vê a unidade diz respeito aos «ELES» a que Jesus se refere única e exclusivamente.

Quem são, pois aqueles tais ELES?

Para Constantino e para todos aqueles que lhe sucederam com o pensamento da unidade, os tais «eles» eram as igrejas, as organizações, e, por vezes até o próprio Estado.

Vejamos se é assim.

Já vimos como nos primeiros tempos da Igreja, nos tempos apostólicos, não havia unidade das igrejas. Fundadas pelos Apóstolos deviam muito bem saber qual fora a intenção que presidira às suas constituições. Portanto, se as primeiras comunidades cristãs tradu-

Uma experiência do Fundo de Inversão

Meu marido esteve desempregado durante vários meses e sem esperança de arranjar colocação. A sua profissão, que é a de carpinteiro, foi uma das que mais sofreu com a presente crise, devido à paralização das construções. Em Maio de 1961, a Companhia Eléctrica do Lobito e Benguela começou a admitir guardas para defesa de algumas instalações. Mas as probabilidades de obter um lugar, mesmo como guarda, eram muito reduzidas, devido ao grande número de pessoas que,

com bons empenhos, se candidataram aos lugares. Lembrei-me então do Fundo de Inversão. Tinha ouvido belas experiências sobre a ma-

Maria de Lourdes Figueira
(Igreja de Benguela)

neira como se manifestava o poder de Deus e quis ver se o Senhor estaria também disposto a manifestar-se no meu caso. Na ocasião em

que meu marido saiu de casa para se dirigir ao escritório da Companhia, prometi que daria 50\$00 mensais do seu salário para o Fundo de Inversão, se Deus lhe concedesse o lugar. Pois louvado seja o nome do Senhor que Se dignou atender à nossa aflição.

Apesar do grande número de candidatos, meu marido conseguiu o emprego e a sua situação já melhorou bastante desde o dia em que foi admitido ao serviço.

ziam o pensamento do nosso Divino Salvador, há que concluir que a unidade não se refere às igrejas.

«Não se trata de igrejas — escreve alguém — trata-se de homens, de uma minoria de indivíduos que possuem a vida eterna pela fé e que foram escolhidos por Deus. É, de certa maneira, uma Igreja espiritual, invisível, cujos membros só Deus conhece. Ora, estes tais membros encontram-se em todas as igrejas cristãs. A Igreja de Jesus Cristo está disseminada pelo mundo; não a conhecemos, mas Jesus conhece-a e sabe quem são os seus. É por eles que pede e não por organizações; não se trata de reunir organizações, mas sim de realizar a comunhão espiritual dos que foram chamados por Deus e que vivem em estreita comunhão com Ele.»

Jesus não falou da unidade de igrejas, nem da unidade de instituições ou congregações. Temos o exemplo e a prova na existência e organização das primitivas igrejas, que traduziam, ainda, a pureza da fé e dos ensinamentos do Salvador.

Jesus não quer a união sob a direcção ou a égide de quem quer que seja, senão sob a sua mesma e única direcção. «Tudo isto está previsto para a edificação do corpo de Cristo» até que todos cheguemos à uni-

dade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo». (Efésios 4:13).

É necessário, pois, que cheguemos à unidade da fé. Ora, a fé «vem do que se ouve», diz a Sagrada Escritura, «e o que se ouve da Palavra de Deus».

Aqui temos, portanto, a verdadeira origem da UNIDADE: Jesus, mediante a sua Palavra divina.

Na Epístola aos Colossenses diz-se de Jesus: «É Ele a cabeça do corpo da Igreja», pensamento expresso, noutro texto, por estes termos: «Chefe da Igreja».

É claro que os teólogos distinguem subtilmente entre Chefe invisível, e chefe visível. A verdade, porém, é que não há nenhum fundamento escriturístico para tal distinção. Nunca as Sagradas Escrituras falaram de um Chefe invisível e de um seu qualquer vigário ou chefe visível. Jesus prometeu, sim, que daria um seu representante à Igreja, dizendo que o enviaria, quando subisse para junto do Pai; disse e cumpriu: enviou o Espírito Santo que é o seu substituto, o seu representante, o seu Vigário.

É necessário que se efectue a unidade, essa unidade que Jesus anunciou e deseja que seja efectuada.

Mas a unidade que Ele deseja não é a das igrejas, nem a de qualquer outra instituição.

É a unidade dos seus filhos, dos crentes, dos que O aceitam como seu Salvador pessoal e que se encontram espalhados por todo o mundo, por todas as igrejas.

Todos estes crentes unidos pela mesma fé, pela mesma esperança, pelo mesmo baptismo e pelo mesmo amor, aguardam com amorosa impaciência que o Senhor Jesus venha buscá-los, pois acreditam que só Ele é capaz de solucionar todos os problemas e dificuldades que atormentam e esmagam este pobre Mundo.

Nunca os crentes, os verdadeiros crentes que constituem a verdadeira unidade poderão esperar que os problemas que actualmente afligem a humanidade possam ser resolvidos por qualquer igreja ou instituição.

Toda a sua esperança está no Salvador. Por isso aguardam a sua gloriosa Vinda de acordo com a promessa que o mesmo Senhor fez:

«Vou preparar-vos lugar; e, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também.» (S. João 14:2 e 3).

Qual é o dia que o Cristão deve observar, Sábado ou Domingo?

por Gregório da Silva Rosa

É para lastimar o facto de muitos estarem, hoje, adorando a Deus em vão, seguindo doutrinas que são preceitos dos homens.

No capítulo 15 do Evangelho de S. Mateus, a partir do versículo 6 a 14, lemos como Jesus verberou os hipócritas escribas e fariseus, representantes frios do judaísmo oficial, por haverem introduzido inovações no seio do Cristianismo, adulterando-o e ofuscando o brilho e a pureza dos seus ensinamentos.

Disse, pois, Jesus aos falsos mestres religiosos do Seu tempo: «E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus. Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim. Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens» (Mat. 15:6-9).

E não temos dúvida nenhuma de que se Jesus voltasse hoje a esta Terra, diria o mesmo aos grandes líderes religiosos dos nossos dias.

Os escribas e fariseus ficaram melindrados pela maneira como foram objurgados por Cristo, razão porque os discípulos, acercando-se d'Ele (Jesus), «disseram-lhe: Sabes que os fariseus, ouvindo essas palavras, se escandalizaram?», ao que Cristo, respondendo, disse: «Toda a planta, que meu Pai celestial não plantou, será arrancada» (Mat. 15:12,13).

Ora, tomando por base as palavras de Jesus, e única e simplesmente com o objectivo de esclarecer o duvidoso e pouco conhecedor das Verdades da Bíblia, fulcro da Religião Cristã, perguntamos: (e também respondemos) — a observância do Domingo pela maioria da Cristandade, hoje, é «uma planta do nosso Pai celestial?»

—Que devemos fazer, a fim de ficarmos bem inteirados sobre este assunto, isto é, se a guarda do

Domingo é ou não uma instituição de origem Divina? A questão é muito simples, embora a muitos se afigure difícil. Em primeiro lugar, devemos ter sempre em mente que, em assuntos de religião, a Bíblia é, pois, o único Livro criterioso, a pedra de toque, por excelência, pela qual todas as religiões devem ser aferidas. E neste sentido, o profeta Isaías tem muita razão quando diz: «À Lei e ao Testemunho! se eles não falarem *segundo esta palavra* (a Bíblia, portanto), nunca verão a alva», que é Cristo (Isa. 8:20).

Não é, pois, para admirar que o Senhor Jesus nos exorte: «Examinai as Escrituras..., e são elas que de mim testificam». (João 5:39).

E já agora lembremo-nos que foi examinando «cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim», que os bereanos, naturais de Bereia (uma terra na Ásia) com o objectivo de conhecer a Verdade, puseram em evidência a genuinidade da sua fé, bem como a nobreza do seu carácter, cujo resultado foi o terem muitos de entre eles crido «e também mulheres gregas da classe nobre, e não poucos varões» (Act. 17:11,12).

Assim, ao examinarmos a Bíblia Sagrada, as Sagradas Escrituras, com o objectivo único de saber se a observância do Domingo é «uma planta, plantada por Deus», um dogma, uma doutrina de origem divina, chegaremos, afinal, à conclusão de que a guarda deste dia tem o seu fundamento na chamada apostasia, que significa afastamento ou divórcio do Evangelho.

Já o apóstolo S. Paulo, divinamente inspirado, predisse que falsos mestres de religião introduziriam erros na Igreja, adulterando, assim, a pureza do Cristianismo e levando a maioria da Cristandade a seguir a tradição humana em vez

das simples e puras verdades da Bíblia (Ver Act. 20:29,30 e II Tess. 2:3,4).

Que razão apresentam os defensores do Domingo para a *Guarda Deste Dia*?

Afirmam que o Domingo é observado para comemorar a Ressurreição de Cristo. Esta pretensão, porém, é insustentável à luz das Escrituras. Semelhante afirmação é apenas um ilogismo, uma mera conjectura. Não é, pois, a simples observância do Domingo que comemora a Ressurreição de Cristo, mas sim o Baptismo. Vejamos:

A Ressurreição foi considerada digna de ter uma memória que servisse constantemente para fazer lembrar aos homens esse maravilhoso evento, e a ordenança do baptismo foi escolhida para tal fim. O Baptismo é um verdadeiro sepultamento e ressurreição e, de facto, representa muito adequadamente o sepultamento e ressurreição de Cristo. Mas em nenhuma parte afirmou Cristo ou um apóstolo que o Domingo devia ser observado em comemoração destes mesmos acontecimentos. Deus não derriba um santo padrão comemorativo ou uma instituição sacra para colocar outra sobre as suas ruínas. Ele não comete erros, nem altera jamais os Seus planos. Por conseguinte, é a ordenança do baptismo que comemora a Ressurreição de Cristo, e não a guarda do Domingo.

Que diz a voz inspirada do apóstolo Paulo a este respeito? Ouçamo-la: «Ou não sabeis que todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo baptismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida» (Rom. 6:3,4). E diz ainda: «Sepultados com Ele no baptismo, n'Ele tam-

bém ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos» (Col. 2:12).

Ora, qual é o leitor entendido e iluminado pelo poder do Espírito Santo que não vê claramente nos passos citados a veracidade de que, segundo o explica S. Paulo, o Baptismo do crente, que acaba de aceitar o Senhor Jesus e Seus ensinamentos pela fé, é, sem dúvida alguma, um símbolo que comemora a Ressurreição do Senhor Jesus? De facto, só um indivíduo míope de espírito e tardo de compreensão, depois de lidas tais passagens tão claras e compreensíveis, continuará a albergar no seu espírito a reprovável ideia de que é o Domingo que comemora a Ressurreição de Cristo.

Ou teria Deus mudado a ordenança do baptismo, como cerimónia comemorativa da Ressurreição, para a guarda do Domingo? Ora, se é a Bíblia que, no dizer de Cristo, «testifica acerca de doutrinas religiosas, de assuntos dogmáticos» (João 5:39), deixemos, portanto, que ela fale.

A Bíblia afirma que «Deus é imutável» (Mal. 3:6); que «em Cristo não há mudança, nem sombra de variação» (Tiago 1:17); que «Cristo é sempre o mesmo...» (Heb. 13:8); e que «tudo quanto Ele faz durará eternamente» (Ecl. 3:14).

Mas que está revelado na Bíblia acerca do Domingo?

O Domingo é mencionado apenas oito vezes em todo o Novo Testamento, mas sem nenhuma indicação de que deve ser observado como dia santo.

A primeira menção do Domingo é feita por S. Mateus em conexão com o seu relato do sepultamento e ressurreição de Cristo, mas sem fazer alusão à santidade do referido dia. (Mat. 28:1).

A segunda menção atribue-se a S. Marcos, e foi feita por ele uns 30 anos depois da crucificação de Cristo, e dela se conclui com evidência que o Salvador não deu nenhuma instrução quanto à mudança do Sábado (Marc. 16:1, 2).

Na terceira referência ao primeiro dia da semana, S. Lucas dá uma resposta poderosa àqueles que

pretendem ensinar pelo Novo Testamento a santidade do Domingo. (Luc. 23:54-56; 34:1). É, pois, digno de nota o facto dessas mulheres terem sido fiéis no tocante à observância do Sábado, «conforme o mandamento», respeitando este dia, segundo era o costume entre os discípulos (Mat. 24:20; Act. 16:13; 17:2; 18:4), e só no Domingo, primeiro dia da semana, «foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado», segundo reza o texto em Luc. 24:1. E o costume de Cristo por ventura não era guardar também o Sábado, santificando-o, e não o Domingo? (Luc. 4:16).

S. João menciona o primeiro dia da semana, mas apenas incidentalmente. (João 20:1).

Há ainda um outro texto de S. João em que ele faz alusão ao primeiro dia da semana, e no qual pretendem os defensores da guarda do Domingo encontrar um ponto de apoio que para eles é «o seu cavalo de batalha». (João 20:19).

Os discípulos estavam reunidos; as portas, porém, estavam cerradas, e isso foi no primeiro dia da semana. Baseando-se neste texto, os defensores do Domingo pretendem ou sustentam que eles (os discípulos) estavam comemorando a Ressurreição de Cristo. Mas as palavras do versículo não dizem assim.

A este argumento mui capcioso, objectamos, dizendo: o objectivo dos discípulos não era comemorar a Ressurreição de Cristo, portanto eles não creram que o Mestre tinha ressuscitado (Veja Marc. 16:9-14).

Por conseguinte, como podiam estar eles comemorando a Ressurreição de Cristo, se não acreditaram que o Senhor Jesus havia ressuscitado? contra-senso!

Outro texto acerca do primeiro dia da semana é mencionado por S. Paulo em relação com o levantamento de colecta para os santos pobres de Jerusalém. (I Cor. 16:1,2). Atendo-se a este texto, os estrénuos defensores da guarda do Domingo argumentam sofisticadamente que os versículos que aludem ao assunto em questão, indicam terem sido realizadas reuniões religiosas no primeiro dia da semana, porque se arrecadava uma colecta.

A este falso raciocínio, também objectamos da seguinte maneira: um exame cuidadoso do texto, porém, revela precisamente o contrário — que cada pessoa devia pôr de lado uma oferta em sua própria casa, e não dá-la numa reunião pública da Igreja.

Aliás, os versículos supracitados rezam da seguinte maneira em outras traduções: Na Tradução Brasileira, por exemplo: «Ao primeiro dia da semana, cada um de vós ponha em sua casa».

A tradução do Padre António Pereira de Figueiredo diz: «Ao primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte alguma soma em sua casa».

Assim, vemos que Paulo não queria atender em dia de Sábado a negócios de tal natureza. Instruiu então os crentes para que o fizessem no primeiro dia da semana, o qual é um dos seis dias úteis.

Portanto, o Domingo, dia de trabalho, é posto em contraste com o Sábado, dia santo, dia de guarda. (Ver em Ezeq. 46:1).

Neste passo bíblico vemos que «a porta do átrio interior», diremos, do templo, onde Deus era adorado, «estará fechada durante os seis dias que são de trabalho». E por quê? Porque sendo o Sábado o único dia santo, e, portanto, dia de reunião religiosa, em que o povo de Deus devia estar reunido para actos de culto (Lev. 23:3), nos outros dias anteriores ao Sábado, estando incluído o Domingo, na qualidade do primeiro dia da semana, o povo se entregava aos seus afazeres quotidianos, e por isso nada tinham que ir fazer no templo, porquanto «a porta estará fechada durante os seis dias que são de trabalho».

Concluimos, portanto, que o Domingo é dia de trabalho, mas que o Sábado é dia santo (Êxodo 31:13-17; 20:8-11; Ezeq. 20:12, 20). E o mais interessante ainda é que o Sábado continuará a ser observado através do toda a eternidade. (Isa. 66:23).

O último, senão, o oitavo texto em que se faz a menção do Domingo, o primeiro dia da semana, encontra-se no livro dos Act. 20:6, 7.

(Continua na pág. 13)

A VITÓRIA DA FÉ

B. E. Seton

A população da pequena cidade de Ayacucho, na Colômbia, vivia bastante desconfiada com a Senhora Carmela Chogo. Efectivamente, esta senhora praticava uma estranha religião, pela qual a senhora Chogo não fazia nada nos dias de Sábado.

Pouco depois de se ter instalado em Ayacucho, começou ela a fazer propaganda da sua fé. Passado pouco tempo, já ela tinha à sua volta bastantes pessoas que simpatisavam com a sua religião.

Um dia, um vizinho simpaticante morreu. A senhora Chogo e algumas outras pessoas convertidas, graças ao seu testemunho, foram visitar a viúva do falecido e com ela leram alguns Salmos, dispensando-lhe, também, palavras de conforto que tiravam na leitura da Palavra de Deus. De súbito, o chefe da polícia, acompanhado de dois agentes e de vários civis, entrou violentamente pela casa adentro. Prendeu todos os observadores do Sábado e lançou-os na prisão, sob a acusação de tomarem parte em reuniões adventistas.

A prisão era insalubre. Os nossos irmãos na fé, tal como sucedeu com aqueles outros irmãos e crentes de que fala o Novo Testamento, tinham os pés metidos em cepos. O dr. Pinillos, um dos novos convertidos, desempenhava as funções de pastor do grupo. Para terem a garantia de que não se evadiria, a polícia pôs-lhe a cabeça, e não os pés, no cepo.

Naquela mesma noite, já a horas tardias, um dos polícias recebeu ordem de matar todos aqueles presos. Aquele homem, embora habituado àquele género de trabalho, e por isso endurecido, sentiu, contudo, a necessidade, para fazer frente à situação, de anestesiar a consciência, embriagando-se. Seguidamente, dirigiu-se para a prisão para cumprir a ordem que havia recebido de matar todos aqueles presos. Chegando ali, sacou da pistola e disparou, várias vezes sobre os prisioneiros. Não pôde, porém, continuar, porque um dos guardas, como que impellido por um poder sobrenatural, precipitou-se para ele e desarmou-o gritando: «Se os queres matar, terás de começar por mim».

O carrasco teve de se retirar, mas resolvido a terminar a tarefa, durante a manhã. Foi ao rio para tomar um banho e recobrar o sangue-frio necessário. Mas os seus planos foram totalmente trantornados. Enquanto tomava banho, deu-se uma enchente de modo que o polícia foi arrastado pela corrente tumultosa, desaparecendo levado pelas águas. Foi assim que aquele homem foi impedido de fazer mal aos filhos de Deus.

Aterrorizado por este desfecho imprevisito, o chefe da polícia mandou soltar os presos, mas condenou-os ao pagamento de uma multa de 130 dólares, proibindo-os ao mesmo tempo de se voltarem a reunir. Mas este pequeno mas corajoso grupo não foi capaz de ficar inactivo, pelo que numerosas provas se abateram sobre os nossos irmãos. Mas a perseguição não fez mais do que aumentar-lhes a fé e inspirar-lhes o desejo de ganharem outras almas.

O número de crentes aumentava rapidamente. O chefe da polícia e os seus subordinados vigiavam, estreitamente, os Adventistas e perseguia-os. Um adversário declarado dos observadores do Sábado, tendo presenciado os maus tratos a que haviam sido submetidos, ficou tão profundamente impressionado que entregou o seu coração a Deus e, como, outrora Saulo de Tarso, tornou-se um ardente condutor espiritual dos nossos irmãos.

Nas manhãs de Sábado, para enganarem a vigilância dos seus adversários, os nossos irmãos saíam da cidade, levando consigo, uns a enxada, outros a pá, outros a charrua, todos por caminhos diferentes, para se encontrarem, finalmente, num local combinado. Era ali que tinham as suas reuniões da Escola Sabatina e celebravam o seu culto.

Durante vários meses tiveram de recorrer a este meio para escapar aos seus perseguidores que queriam impedi-los de se reunirem.

Em 1962, já ali tínhamos setenta

e quatro membros de igreja e cento e cinquenta membros da Escola Sabatina.

Actualmente, a grande necessidade daqueles crentes é a de possuírem uma capela, onde possam reunir-se para adorar a Deus. À custa de grandes sacrifícios conseguiram reunir uma soma equivalente a quinze contos da nossa moeda. Este pequeno capital, ao qual a União Colombo - Venezuelana adicionou uma soma igual, tornou possível a aquisição de um vasto terreno muito bem situado, para ali se construir a igreja. As ofertas liberais dos Adventistas de todo o mundo têm valido aos nossos irmãos a atribuição de fundos consideráveis, de maneira que a construção da igreja de Ayacucho está bem encaminhada. Como os membros daquela cidade se devem sentir-se contentes e reconhecidos!

Quando o Senhor voltar, os que investiram o seu dinheiro nas Missões contemplarão os gloriosos juro do Banco do Céu.

Enquanto que uns dão o seu dinheiro, outros, como os irmãos de Ayacucho, sofrem rudes perseguições, mas ganham almas, graças ao seu exemplo. Uns e outros ouvirão, um dia, estas palavras: «Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo».

Este relato, transmitido pelo presidente da Missão, onde vivem aqueles nossos irmãos e fiéis membros, demonstra amplamente o poder do Evangelho para mudar as vidas dos homens e torná-los aptos para a herança celestial.

E ao lermos estes tão bons testemunhos dos nossos irmãos colombianos não sentimos no mesmo coração o desejo de os auxiliar para que possam ter, em breve, uma igreja? Preparemo-nos, pois para a nossa Oferta do Décimo Terceiro Sábado, no próximo dia 29 de Junho. As nossas ofertas permitirão, como um bom testemunho, que eles

(Continua na pág. 9)

É tão importante a tarefa do Colportor na grande Obra de Deus, que basta dizer que todos os membros, todos os Irmãos e Irmãs desempenham o papel do Colportor!

Não se julgue que é exagero ou qualquer figura de retórica!

É a realidade.

Efectivamente, que tem sido o trabalho da Igreja, o trabalho dedicado e bem violento de toda a Igreja, nestes dias, nestas últimas semanas, durante todo este mês, trabalhando na Campanha das Missões, se não o trabalho da Colportagem?

É certo que se trata de uma Colportagem especial, mas, é uma verdadeira colportagem.

«O que penso da Colportagem»

É-me pedida uma opinião acerca do que penso da colportagem. Como tenho apenas oito meses de actividade neste nobre trabalho, pouco poderei dizer a respeito do mesmo. Talvez haja quem pense que oito meses de colportagem, já é uma boa experiência para se poder dizer algo sobre a mesma. Se tomarmos em consideração o tempo que é necessário para se adquirir uma boa experiência em qualquer ramo de trabalho, no qual exerçamos as nossas actividades, talvez mudemos um pouco de atitude sobre a experiência da colportagem.

Na minha simplicidade e pouca experiência neste ramo de trabalho, sempre direi alguma coisa sobre o que penso da colportagem.

1.º — Penso que todo o colportor, ou seja, todo aquele que deseja ingressar no nobre trabalho da colportagem, devia compenetrar-se bem da responsabilidade que recai sobre si; porque muitos há, que vêm para a colportagem, como se se tratasse de um passatempo. Ora, o trabalho de Deus é um trabalho sério, que exige esforço e compreen-

são, e não deve ser considerado leviamente. É talvez por essa razão que muitos que vêm para a colportagem não resistem à prova. Mas, depois de se passar por certas dificuldades na vida, está-se mais apto a enfrentar as provações e durezas da colportagem, que por vezes requerem de nós grandes sacrificios.

2.º — Penso que não há obra mais elevada. «Não há obra mais elevada do que a da colportagem evangelística; porque abrange o cumprimento dos mais elevados deveres morais». Se não exagero, acho mesmo a obra da colportagem mais gloriosa do que a do próprio ministro. Enquanto o ministro espera que as pessoas venham ouvi-lo, o colportor, pelo contrário, vai ao encontro das pessoas, levando a mensagem de salvação a seus próprios lares. É verdade que a obra do ministro é indiscutível; mas, se não fossem os abnegados esforços do colportor, muitos que estão com fome do pão da vida, nunca teriam o privilégio de ouvir a mensagem que Deus envia para salvação de todos os que crêm.

3.º — Penso na colportagem como o meio de ganhar almas para o reino de Deus.

O colportor é um mensageiro silencioso que penetra por toda a parte. Conquanto muitas das vezes não nos possamos declarar abertamente, contudo, a mensagem contida nos livros espalhados pelo fiel colportor, virá a produzir frutos para a eternidade. Contactando com todas as classes sociais, adquire o colportor para si uma boa experiência que o habilita a maiores responsabilidades no futuro, ao mesmo tempo que tem o privilégio de abrir o Evangelho do Reino às almas que de outra maneira nunca ouviriam da salvação, já prestes a manifestar-se. Ao certo, nunca se saberão nesta vida os resultados da obra da colportagem. Mas, quando o Senhor se manifestar, veremos muitas almas salvas pelos esforços dos abnegados mensageiros da página impressa.

Nestes últimos dias em que vivemos, tanto nós, colportores, como os ministros, devíamos estar unidos sob o domínio do Espírito Santo, puxando em conjunto as cordas para a terminação da obra de Deus.

Responsáveis pela luz que possuímos, devemos estar alerta, para que, quando o Senhor fizer o chamado: «A quem enviarei, e quem há-de ir por nós?» Possamos responder clara e distintamente: «Eis-me aqui, envia-me a mim.»

Irmãos, ainda que a jornada nos pareça difícil, e o caminho escabroso e cheio de espinhos, apegue-mo-nos com confiança ao nosso Deus, e Ele nos concederá os três elementos essenciais para o êxito: Ânimo, Perseverança, Fé. Revestidos com esta armadura, avançaremos para a frente, esquecendo-nos assim das coisas que para trás ficam, pois sabemos que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há-de ser revelada, e que, o que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos.

Vosso irmão em Cristo:

Antônio M. P. Curado

As Classes Progressivas

A. Casaca

Nunca como nos nossos tempos se dispensou tanta atenção às crianças que se podem considerar como «as meninas dos nossos olhos».

Por aquilo que sabemos através do Espírito de Profecia, não há dúvida de que devem elas merecer, da nossa parte, as mais escolhidas preocupações.

«As crianças devem ser educadas para serem missionárias; devem ser auxiliadas para compreenderem, distintamente, o que devem fazer para se salvarem.» — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 150.

E não ficámos sem saber em que consistirá a melhor preparação para que se possam cumprir os desígnios de Deus. É ainda o Espírito de Profecia que nos esclarece «A melhor preparação é o desenvolvimento harmónico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um serviço mais dilatado no mundo que estamos aguardando.» — *Educação*, pág. 13.

As primeiras manifestações a favor da preparação dos jovens manifestaram-se logo aos nossos pioneiros; receberam estes um chamado especial para organizarem todos os jovens num exército que ajudasse a concluir a tarefa de levar «a Mensagem do Advento a todo o Mundo, nesta geração».

Passado pouco tempo, seguiu-se outra mensagem que dizia que «cada jovem, cada criança, tem uma obra a fazer para honra de Deus e erguimento da humanidade». — *Educação*, pág. 57.

Pouco a pouco com a organização dos jovens surgiu a ideia da constituição das Classes Progressivas, conforme se encontravam esboçadas, prefiguradas em vários passos do Espírito de Profecia. Além dos passos já citados, podemos, ainda, recordar: «... Devem as crianças ser instruídas nas verdades espe-

ciais para este tempo, e no trabalho missionário prático. Devem alistar-se no exército de obreiros para auxiliarem os doentes e os sofredores. As crianças podem tomar parte na obra médico-missionária, e com a sua pequenina contribuição podem ajudar a levá-la avante. O seu auxílio pode ser pequeno, mas todo e qualquer bocadinho é um auxílio; por isso, pelos seus esforços, muitas almas poderão ser ganhas para a verdade. Por meio dos jovens a Mensagem de Deus tornar-se-á conhecida, e a Sua salvadora saúde será levada a todas as nações». — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 158.

A grande norma da educação consiste em saber aproveitar as inclinações as tendências dos jovens ministrando-lhes os conhecimentos de que necessitam. Tal é o programa das Classes Progressivas. Tendo-se estudado à luz da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia a psicologia da criança, os nossos Irmãos dirigentes que ocupam os mais elevados cargos na Igreja de Deus souberam colher naquelas preciosas fontes os pontos básicos e indispensáveis que constituem o Programa das Classes Progressiva.

«Em regra, o exercício mais proveitoso aos jovens encontra-se nas ocupações úteis. A criancinha encontra no brinquedo tanto a distração como o desenvolvimento; por isso os seus folguedos devem ser de tal maneira que promovam não só o crescimento físico, mas também o mental e o espiritual. À medida que vai adquirindo força e inteligência, também encontrará o melhor recreio para ela nos esforços que lhe sejam úteis. Aquilo que adentra as mãos para a utilidade, e ensina o jovem a arrostar com a sua participação nos encargos da vida, é o mais eficaz na promoção do crescimento do espírito e do carácter... É essencial a todo o jovem familiarizar-se completamente com

os deveres de cada dia. Sendo necessário, uma jovem pode dispensar os conhecimentos de francês ou de álgebra, ou mesmo de piano; mas é indispensável que aprenda a fazer bom pão, a confeccionar vestidos graciosamente adaptados, e executar proficientemente, os muitos deveres atinentes ao lar...» — *Educação*, pág. 215.

Prezados Irmãos e Irmãs! Temos o sagrado dever de acarinhar os nossos jovens estimulando-os a fazer parte dos MV pois é o meio especialmente preparado para eles até que possam, mais tarde, entrar nas actividades da Igreja.

Também uma palavra de camaradagem amiga para os nossos dilectos Irmãos Obreiros.

Também a Igreja conta com a juventude, com a sua juventude. Nestes tão agitados e calamitosos tempos incumbe-nos, mais que nunca, vigiar os mais novinhos para que não venham a ser enredados nas malhas do mundo que se estendem, contínua e universalmente em redor deles.

Se tivermos boas Classes Progressivas, também amanhã teremos bons colaboradores, em todos os domínios das actividades da Igreja.

Que Deus abençoe os nossos jovens e nos conceda a nós o privilégio de compreendermos e apreciarmos, como Deus quer, o valor das Classes Progressivas.

A VITÓRIA DA FÉ

(Continuação da pág. 7)

prossigam no seu bom trabalho, a despeito das oposições com que depa-

ramos, pois, generosos e auxiliemos os nossos bons irmãos da Colômbia.

Deus espera que sejamos generosos a favor da Divisão Inter-Americana no 13.º Sábado, dia 29 de Junho próximo.

Dr. Nussbaum — Vindo de Paris, esteve entre nós, durante quatro escassos, mas frutuozos dias, o nosso prezado Irmão Dr. Nussbaum, esse admirável ancião de coração de jovem.

Tendo tratado dos assuntos urgentes e importantíssimos para a Causa de Deus, que o chamaram a Lisboa, ainda teve o desejo de levar o entusiasmo das suas palavras aos nossos Irmãos de Coimbra e de Viseu, acompanhado do Director da União, Pastor Casaca.

Foi assim que no Sábado, 11 de Maio, dirigiu o culto na nossa igreja de Coimbra.

Nessa mesma tarde, sempre acompanhado do Director da União, seguiu para Viseu, onde teve oportunidade de dirigir a palavra aos nossos irmãos e numerosíssimas visitas que enchem a nossa bela igreja de Viseu. O Dr. Nussbaum congratulou-se especialmente com os nossos dilectos Irmãos Sampaio Nunes e Ex.^{ma} Esposa a quem se deve aquela nossa igreja sobre a qual se está fazendo sentir a amorosa mão de Deus a dirigir-lhe os passos.

O Dr. Nussbaum regressou, no dia seguinte, à França, deixando, como sempre, as melhores lembranças entre as suas amigas declarações da satisfação de ter estado com os seus irmãos portugueses, que muito o admiram e apreciam.

Pastor Paul Steiner — Esteve entre nós o nosso dilecto irmão, Pastor Steiner, Secretário do Departamento da Educação e dos MV da nossa Divisão.

Com o seu característico dinamismo teve quase o condão da ubiquidade, porque falou na igreja de Lisboa, visitou as igrejas limítrofes, tratou dos assuntos dos seus Departamentos e ainda visitou, na companhia do Dr. Nussbaum e do Director da nossa União, o nosso futuro Colégio de Pero Negro.

Saudamos, cordialmente, o nosso prezado Irmão Steiner com os votos de que, muito em breve, possa ver realizados o seu belo sonho —

que é também o de todos nós — o Colégio em pleno funcionamento.

Pastor Lourinho — Após longos anos de apostolado nas nossas Províncias Ultramarinas, regressou à Metrópole o nosso dilecto Amigo e Irmão, Pastor M. Lourinho. Vem acompanhado da sua gentil filha, Menina Maria Manuela, diplomada pelo Colégio Adventista de Johnsburg.

Ao bom Amigo, Pastor Lourinho daqui lhe dirigimos as nossas cordiais saudações com os votos das melhores bênçãos de Deus, na companhia dos seus queridos.

Dormindo no Senhor

Faleceu pelas 4 horas do dia 8 de Março do corrente ano, o nosso irmão António Luís Coelho, de 68 anos de idade; era sogro do actual obreiro, que teve o prazer de o baptizar no dia 5 de Agosto de 1961.

Adormeceu plácida e em Jesus Cristo, e estamos certos de que embora tivesse entrado na vinha do senhor já na hora undécima Ele lhe dará a mesma recompensa tal como a nós ressuscitando-o no último dia, a fim de lhe dar as boas vindas ao Seu Eterno Reino.

Foi muita a nossa alegria pessoal quando o sepultamos nas águas do baptismo, e dada a fraqueza da nossa carne muito nos custou a acompanhá-lo à sua última morada, onde fizemos um estudo alusivo ao acto, o qual foi ouvido por inúmeras pessoas que também o acompanharam ali.

Resta-nos a consolação da certeza de o encontrar de novo naquele grande dia não já com corpo de corrupção, mas incorrupto e glorioso para unidos adorarmos o nosso querido Jesus e seu bendito País.

Que assim seja.

Adelino Nunes Diogo

Através das colunas da nossa REVISTA ADVENTISTA o Pastor Mansell que durante longos anos trabalhou entre nós, envia a todos os nossos Irmãos e Irmãs as suas saudações cristãs.

De uma maneira muito especial saúda os seus velhos amigos, que aqui tem neste nosso belo País.

Esperamos que em breve o Pastor Mansell nos envie uma carta relatando os seus labores missionários na sua América, onde continua a trabalhar, apesar de já se ter jubilado.

Que Deus continui a abençoá-lo e aos seus queridos são os votos de todos os seus amigos Portugueses, através da REVISTA ADVENTISTA.

Aguardando

a RESSURREIÇÃO

Pastor A. V. Olson

Adormeceu, tranquilamente, no Senhor, no passado dia 5 de Abril o irmão A. V. Olson.

Foi o primeiro Director da Divisão Sul-Europeia. Muito amigo de Portugal, pode dizer-se que conhecia os pioneiros do nosso Movimento Adventista, entre nós.

Os seus belos olhos azuis cintilavam de satisfação, por detrás das lentes, quando ouvia das boas novas acerca do progresso da Obra em Portugal. Ainda ultimamente escreveu uma carta, que publicámos no penúltimo número da REVISTA ADVENTISTA, na qual bem exterioriza o seu amor pela Obra em Portugal.

Depois de mais de duas décadas na presidência da Divisão Sul-Europeia, foi nomeado Vice-Presidente da Conferência Geral.

Ultimamente, desempenhava o cargo de Presidente da Comissão de Publicações das Obras da Irmã White.

Trabalhou até ao fim da sua longa e abençoada jornada.

«História do M. A. em Cabo Verde»

(Continuação)

M. Laranjeira

Seguiu-se o Pastor Arlindo Miranda que aqui se fixou aproximadamente dois anos, 1947 a 1948.

Em terceiro lugar esteve aqui trabalhando na vinha do Senhor e durante bastante tempo, cerca de 7 anos, o Obreiro Gregório da Silva Rosa, 1948 a 1955.

Finalmente, em Janeiro de 1956 veio o Obreiro João de Mendonça, e que até este momento continua a dirigir o trabalho nesta Ilha, percorridos que são 6 anos de esforço e sacrifício.

Embora o trabalho esteja aberto em S. Filipe, e seja aqui que reside o obreiro, os crentes têm sido poucos e não passa de um grupo desde há longos anos.

É sobretudo no interior, onde as pessoas aceitam melhor o Evangelho, e por isso temos lugares de culto em C. Grande, Ribeira do Ilheu e Salto.

Foi o Ir. Arlindo Miranda que iniciou o trabalho em Curral Grande, que dista 12 kms de S. Filipe. É neste lugar que temos o maior número de crentes e é aqui a principal Igreja.

O Ir. Gregório Rosa, iniciou trabalho na Ribeira do Ilheu; temos hoje ali um bom número de crentes fervorosos. Fica no entanto muito longe e num lugar de difícil acesso. Tem que se andar bastante a pé, ou ao dorso de animais o que torna sempre perigoso o percurso. Vários têm sido os obreiros e crentes que têm visto a morte a poucos passos, pois estiveram prestes a cair em grandes precipícios e enormes desfiladeiros. Hoje, o obreiro visita estes crentes uma vez por ano, ou de dois em dois meses. No tempo das chuvas é praticamente impossível visitá-los.

O mesmo irmão, abriu também trabalho no sítio de Salto, mas o trabalho tem sido quase improficuo, pouco fruto tem dado.

Aproveitando a passagem e a estada de alguns Colportores em Cabo Verde, alguns dirigiram du-

rante algum tempo o trabalho no Fogo, ou devido à mudança de obreiro e sua substituição ou ainda nas férias destes.

Assim o Ir. Colportor Adelino Diogo, durante três meses dirigiu o grupo de S. Filipe.

Orlando Costa, fixou-se na Ribeira do Ilheu durante alguns meses.

Anselmo Gorgulho Almeida auxiliou aqui no espaço de 8 meses.

Em Curral Grande temos ainda uma escola primária desde há longos anos em funcionamento, e da qual recebemos as melhores referências, sendo elogiada pelas próprias autoridades, pois reconhecem o grande e bom trabalho que a mesma tem realizado.

No Fogo trabalhou-se, trabalhasse e trabalhar-se-á cada vez com mais fervor, mais fé, maior zelo.

S. TIAGO

A ilha de S. Tiago, foi descoberta em 1460, pelo navegador português Diogo Gomes e o genovês António da Nola, quando voltavam da Guiné. Fica esta ilha a uma distância de 450 kms da costa africana.

Os primeiros colonos estabeleceram-se aqui em 1462, chegando também grande quantidade de escravos da Guiné. É nesta ilha que as pessoas escuras mais se parecem fisicamente e mais traços têm de comum com os seus antepassados Guineenses.

S. Tiago é a maior ilha de Cabo Verde, sendo a sua superfície 991 km². Tem no seu seio bastantes caudais de água, própria para regadios e uso pessoal. Bastante arborizada e rica em produtos hortícolas. Tem ainda a singularidade de possuir nas zonas interiores bastantes macacos, fauna já desaparecida das outras ilhas.

A capital da ilha de S. Tiago, é a cidade da Praia, que é também a

capital da Província, sede do Governo, sendo também o principal núcleo populacional da ilha.

A Praia fica situada num vasto planalto a 30 metros acima do nível do mar. É uma cidade centenária, porque no ano de 1958 coemmorou o 1.º centenário da sua elevação de «Vila de Santa Maria da Praia», a «Cidade da Praia de Santiago».

As boas novas do Evangelho chegaram aproximadamente a esta ilha em 1947. Apenas a cidade da Praia, visto que a vila de Assumada em Santa Catarina, e outras aldeias, ficaram bastante para o interior, sendo difícil alcançá-las tanto por estrada como por barco. Além disso, aqui, como em qualquer parte devíamos primeiro estabelecer o nosso trabalho no maior centro e depois se possível, ampliá-lo noutras direcções.

O primeiro missionário que aqui se radicou, foi o Irmão Pastor João Esteves. Trabalhou aqui durante dois anos e constituiu a primeira Igreja. A primeira casa de culto começou a funcionar na Rua Sá da Bandeira, onde se esteve algum tempo, e depois, mas ainda sob a liderança do mesmo pastor, arranjamos de aluguer outro edifício, mas na mesma rua, e onde estamos presentemente.

Devido às grandes dimensões da nova sede, pensou o Irmão Esteves abrir uma Escola Primária Particular. O plano foi concretizado, a escola abriu-se, mas apenas foi legalizada com alvará no tempo do Irmão Filipe Esperancinha em 1954. De então a esta parte, sempre a mesma tem funcionado, dirigida muitas vezes por professores do Continente, como seja o caso do Ir. Morgado e da Irmã Lucília Ferreira.

De 1947 a 1949, foi o tempo em que o Ir. Esteves como pioneiro, nesta Igreja, aqui dirigiu o trabalho.

Veio depois o Irmão João de Mendonça. Não esteve muito

||||| A nossa Escola Rádio-Postal |||||

Fez, precisamente, onze anos, no passado mês de Janeiro, que principiei a prestar serviço na Escola Rádio-Postal.

Tenho que confessar que este trabalho me foi de grande valor espiritual, tendo-me dedicado a ele com o meu melhor entusiasmo.

Pela experiência que nela adquiri, parece-me que posso afirmar que a Escola Rádio-Postal é um dos meios mais eficientes para levar às

almas o conhecimento da Mensagem, nomeadamente aos lugares mais recônditos.

Pena é que ainda não possamos completar os estudos bíblicos dados através das Lições, com as emissões de rádio, como há em tantos outros países.

A semente da Palavra de Deus é lançada, lenta e discretamente, mediante as lições que são enviadas, depois recebidas e corrigidas, para

serem, de novo expedidas e, muitas vezes acompanhadas de comentários e explicações adaptadas às lições ou solicitadas pelos Alunos.

É este, de certo, um trabalho dos mais importantes e que bem merece ser muito acarinhado por todos os nossos Irmãos e Irmãs. Por isso, nunca serão demais as orações que fizermos por este Departamento.

Bem sabemos como o fim se está aproximando a passos largos, pelo que temos absoluta necessidade de que Deus nos ajude a fazermos mais e melhor para que se cumpra o que lemos no versículo 10 do cap. 17 de Lucas: «Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei 'somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer'».

Graças a Deus que este trabalho tem tido a boa colaboração dos nossos Irmãos e Irmãs, tanto Obreiros como leigos; tem sido devido aos seus bons esforços que a Escola Rádio-Postal tem nos seus registos numerosas inscrições.

Mas é necessário que o número de alunos da Escola Rádio-Postal aumente muito mais. Para isso todos nós temos obrigação moral de tornar conhecida a Escola Rádio-Postal, falando dela aos nossos conhecidos e amigos, apresentando-a — como realmente é — um precioso meio para se estudar a Sagrada Escritura.

A recomendação para inscrições na Escola Rádio-Postal deve constituir um dos meios correntes do nosso trabalho missionário.

Damos graças a Deus pelos resultados já obtidos e pedimos-Lhe as suas mais escolhidas e preciosas bênçãos para que a nossa Escola Rádio-Postal seja um dos grandes meios para que muitas almas venham ao conhecimento da Mensagem para se entregarem a Jesus e contribuirem, também, para apressar a gloriosa Vinda do Salvador.

Lucelinda Godinho

tempo, apenas 3 meses, durante o ano de 1949.

Seguiu-se o Pastor Francisco Cordas, exercendo aqui a sua liderança ministerial durante 2 anos. Ora isto deu-se nos anos 1949-1951.

O Irmão Joaquim Morgado, esteve nesta Igreja exercendo uma dupla função. Em 1950 como professor da nossa escola primária e 1951 a 1952 como Obreiro levando sobre os ombros a responsabilidade da Igreja.

Veio substituí-lo o Irmão Obreiro Filipe Esperancinha, onde aproximadamente 3 anos, de 1952 a 1956, dirigiu o trabalho, dirigindo sua esposa Irmã Rita o cargo de professora da nossa escola.

Durante um espaço de 6 meses, mais ou menos, aproveitou-se a colaboração nesta Igreja, do Irmão Colportor Anselmo Gorgulho de Almeida entre fins de 1955 e princípios de 1956.

O Irmão Obreiro Evangelista, Gregório da Silva Rosa, veio para esta Igreja em 1956 e aqui esteve até Fevereiro de 1962. Foram seis anos de labor em que ele procurou fazer trabalho aceitável.

Presentemente, temos um jovem estagiário aqui. Chama-se Jaime Schofield e enquanto dirige a Igreja, desempenha também as funções de nosso professor primário.

Durante alguns anos, a sede da nossa Missão funcionou aqui na

Praia, mas com a ida do Irmão Cordas para S. Vicente, para ali se passou também a sede da nossa denominação em Cabo Verde.

S. Tiago é um campo promissor, as pessoas são naturalmente religiosas e aceitam com relativa facilidade o Evangelho. Necessitamos também de abrir trabalho na vila da Assumada que é o segundo centro populacional da Ilha. Fica um pouco longe da Praia mas as estradas tendem a melhorar o que facilitarão esta ideia.

O irmão Jaime, não está inactivo e abriu trabalho nos arrabaldes da Praia, aproveitando a casa de alguns crentes. Tem tido êxito e muitas pessoas têm ido ouvir as Boas Novas.

Embora não pareça, mas é na cidade da Praia o lugar onde estamos mais mal instalados. A casa é demasiado velha, está toda esburacada, cai o reboco das paredes e no tempo da chuva cai água em todos os compartimentos.

Procuramos remediar tamanho mal, enfrentando o problema e desejando resolvê-lo o mais rápido possível. A sede em Lisboa tem colaborado connosco, e assim foi votada a soma de 400 contos para a construção de uma nova Igreja-Escola-Residência. O projecto está nas mãos das autoridades competentes, e apenas nos resta esperar e orar para que Deus nos ajude a resolver o tão magno problema.

A Temperança na Nova Guiné

Uma organização adventista «A Associação Australiana de Temperança» foi encarregada pelo Governo de preparar e aplicar um plano de educação destinado a espalhar o conhecimento dos princípios da temperança entre as populações da Nova Guiné.

A Colportagem no Vietnam

Trabalham, actualmente, no Vietnam 71 colportores, num activo total de 8 400 horas de trabalho.

É encorajante sabermos que apesar de sérias dificuldades a Obra de Deus faz rápidos progressos naquele país.

O telefone ao serviço da oração

Um serviço de oração pelo telefone foi recentemente inaugurado em Auckland, na Nova Zelândia. Embora não tenha sido feita nenhuma publicidade, bem depressa se tornou conhecido, pelo que houve necessidade de se instalarem mais aparelhos para atender todas as chamadas. Um serviço semelhante instalado em Sidnei, há nove meses, continua a receber de mil a mil e duzentas chamadas por dia.

Através do Mundo Adventista

Trata-se de um serviço muito apreciado pelo público que para lá pede orações pelos seus casos individuais.

Progresso da Escola Sabatina

A Missão da União da África Ocidental conta mais de sessenta e quatro mil membros da Escola Sabatina, dos quais 27 114 são membros baptizados. As Escolas Sábatinas organizadas são em número de 672 e as anexas e outras auxiliares são em número de 193. Algumas destas últimas têm mais de 200 alunos. O número de membros da Escola Sabatina baptizados no ano passado eleva-se a mais de três mil.

A «Voz da Profecia» na Tailândia

Na Tailândia, onde um Curso de Bíblia da «Voz da Profecia» já estava orgnaizado há dois anos, não tínhamos, porém, até agora, emissões radiofónicas. Os programas já estavam preparados, aguardando o momento em que pudessem ir para o ar. Em todas as nossas igrejas se faziam orações para que se pudes-

sem realizar as tão desejadas emissões.

Actualmente já se realizam, pelo que cerca de vinte e seis milhões de pessoas, na Tailândia e no Laos podem ouvir «A Voz da Profecia». A Mensagem pode assim entrar em locais inacessíveis aos pregadores, como as montanhas e as selvas, pois ali se encontram aparelhos receptores de *transistors* que as podem captar.

Os nossos irmãos daquelas regiões estão gratos ao Senhor por tão grande favor que lhes concedeu.

Emissão inglesa da «VOZ DA PROFECIA»

Uma emissão inglesa da «VOZ DA PROFECIA», que dura um quarto de hora, pode agora ser ouvida pelos 55 milhões de habitantes da Grã-Bretanha. O programa, registado nos estúdios da «Voz da Profecia», em Londres, é difundido pela Rádio Europa I, cujas ondas podem ser captadas na maior parte da Europa. Esta mesma estação também difunde programas da «Voz da Profecia» em espanhol e em russo.

Qual é o dia que o cristão deve observar

(Continuação da pág. 6)

Os discípulos estavam reunidos, comemorando este dia, concedendo-lhe cunho de santidade? Que razão é apresentada por que S. Paulo pregou um tão longo sermão no primeiro dia da semana? A razão é esta: — é que Paulo havia de partir no dia seguinte.

Além disso, o autor dos Actos não dá a entender que alguma santidade fosse atribuída ao Domingo por haver Paulo pregado nesse dia um tão longo sermão.

Se se insiste que os discípulos partiram o pão nesse dia, e que este foi o pão da Comunhão, e que por isso o dia era considerado diferente dos outros, nós replicamos:

Primeiro, que não há texto que prove que se tratava de pão da Comunhão;

Segundo, que era prática dos discípulos perseverar unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão de casa em casa. (Ver Act. 2:46).

Conclusão lógica: seguindo o ensinamento de Jesus, quanto a examinar as Escrituras, com o objectivo de conhecer a Verdade e saber o que está revelado acerca do Domingo que muitos guardam erradamente e por ignorância; seguindo o exemplo dos bereanos que, pondo de parte a sinceridade e a autoridade religiosa de Paulo, examinavam diligentemente as Escrituras,

«vendo se estas coisas eram assim»; concluímos, pois, com acerto que A Guarda do Domingo, mencionado apenas oito vezes em todo o Novo Testamento, não é de modo nenhum «uma planta plantada por Deus»; não é, portanto, uma doutrina de instituição ou origem Divina.

Logo, Que Dia Deve o Cristão Guardar, Sábado ou Domingo?

Já vimos, pois, que é o Sábado e não o Domingo, de modo que, como «contra factos não há argumentos», digamos agora com S. Paulo: «Porque nada podemos contra a verdade, senão pela verdade» (II Cor. 13:8); e digamos ainda com ele: Porque nós não somos, como muitos, falsificadores da palavra de Deus, antes falamos de Cristo com sinceridade, como de Deus na presença de Deus» (II Cor. 2:17).

A obra expiatória de Jesus

W. G. C. Murdoch

«E fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles, e os vestiu» (Gênesis 3:21).

Antes de o homem cair no pecado, estava revestido de vestes de glória; mas o pecado e a glória não podem coexistir. O pecado é sempre a causa da nudez da alma. Quando Deus falou a Adão depois da queda deste, Adão viu-se nu, e teve medo.

Mas «o amor divino tinha concebido um plano pelo qual o homem podia ser resgatado». O nosso Pai Celeste teve piedade dele e fez-lhe túnicas da pele de um animal inocente, que Adão matara. Tais vestes deviam recordar-lhe continuamente que o Cordeiro de Deus daria um dia a sua vida para o salvar da morte, e que a veste de redenção foi concebida antes da criação do mundo, mas para Adão era a primeira lição que dizia respeito à obra expiatória de Jesus.

Os benefícios desta expiação fizeram-se sentir desde o aparecimento do pecado. Mas é necessário esperar pelo desaparecimento do pecado e do pecador para que o plano da salvação encontre o seu cumprimento total.

A expiação tinha por objectivo restaurar no homem a imagem do seu Criador.

O pecado engendra a morte; a expiação, a vida. O pecado despoja-nos, reduz-nos à nudez; a expiação reveste o pecador, enriquece-o. O pecado expulsa o homem da sua habitação original e priva-o da árvore da vida; a expiação torna-o a colocar no paraíso readquirido. O pecado produz o temor; a expiação afugenta o medo, enche de confiança e dá acesso até ao trono da graça. Adão sabia que a morte de Jesus era a sua única tábu de salvação, e ensinou esta verdade aos seus descendentes.

Caín e Abel pelos seus sacrifícios, ilustraram atitudes diferentes.

Caín julgou que era agradável ao

Senhor oferecer-lhes produtos do seu trabalho.

Abel, por seu lado, guiado pela fé, via na sua oferta a expiação prometida pelo sangue do Messias.

«Oferecendo uma vítima sangrenta, Abel inclinava-se perante a Lei de Deus pelo homem, e contemplava no sangue desta mesma vítima um Salvador que devia morrer em seu lugar. Foi assim que ele teve, ao mesmo tempo, tanto a segurança de que a sua oferta era agradável, como o testemunho da sua justificação». (Patriarcas e Profetas, pág. 56, 57).

Antes da morte de Jesus, através de longos séculos de pecado, cada sacrifício levado ao Santuário representava o grande sacrifício que devia realizar-se na cruz. O ponto central da expiação estava, portanto na cruz do Calvário.

«O Filho de Deus erguido numa cruz, deve ser este o fundamento de toda a pregação». (Ministério Evangélico, pág. 309).

Jesus derramou o seu sangue por todos os filhos e filhas de Adão, para os salvar do pecado. Esta grande verdade é claramente expressa pelas palavras seguintes:

«Quando Jesus crucificado, expirando na cruz, exclamou: «Tudo está consumado!» em todos os mundos, como através do céu, reboou um imenso grito de vitória. Aguardara-se o resultado do grande conflito em causa, depois de tantos séculos. O Filho de Deus tinha vencido». (Pat. e Prof. pág. 52).

A grande luta em que se defrontavam o pecado e a justiça encontrava ali a sua conclusão.

O último grito do Calvário não foi um grito de desespero, mas de triunfo.

O Salvador tinha acabado com o sofrimento; o destino da humanidade já não era mais aleatório: Jesus acabara a sua missão e alcançara vitória total. O Maligno tinha lançado contra o Filho de Deus todos os seus emissários. Mas o

Salvador saiu vitorioso da luta. No último momento reencontrou a aceitação do Pai, e morreu, soltando um grito de vitória.

«De repente, a obscuridade que envolvia a cruz, dissipou-se, e Jesus exclamou com voz clara e vibrante: «Tudo está consumado!» «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito». Uma luz envolveu a cruz, e o rosto do Salvador resplandeceu como o Sol. Deixou descair a cabeça sobre o peito e expirou.» (Jesus Cristo, pág. 403).

Naquele momento, o véu do Templo rasgou-se em dois, de alto a baixo, e o cordeiro do sacrifício escapou-se, significando com isso que a era dos sacrifícios acabara. O tipo encontrara o antítipo na morte de Jesus.

O sepulcro vazio

Contudo, o sacrifício do Calvário não teria sido completo, sem a ressurreição gloriosa do Salvador. O véu rasgado e o sepulcro vazio formam um só todo.

Se não se tivesse dado a ressurreição, não teria havido expiação, por consequência não teria havido salvação. Eis como se exprime o apóstolo Paulo:

«E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou.

E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados, e também os que dormiram em Cristo estão perdidos.

Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.

Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem.» (I Cor. 15:13-2).

No nosso Senhor tendo triunfado do túmulo «tem as chaves da morte e da sepultura.» (Apoc. 1:18).

Portanto, a cruz e a ressurreição são inseparáveis. O Senhor Jesus assim o explicou aos seus discípulos: «E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do homem padecesse muito, e fosse rejeitado pelos anciãos e príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse

(Continua na pág. 24)